



AS LÁGRIMAS DE ODISSEU: ANÁLISE HISTORIOBIOGRÁFICA EM DULCE CRITELLI

THE TEARS OF ODYSSEUS: HISTORIOBIOGRAPHICAL ANALYSIS IN DULCE CRITELLI

DOI: 10.5281/zenodo.18703565



Everaldo dos Santos Mendes¹

RESUMO

Na “Odisseia” [Οδύσσεια], Demódoco [divino aedo] — no banquete da corte do rei dos Feácios — homenageou Odisseu. Na pena de Homero, quando Odisseu ouviu sua história narrada verteu lágrimas. Neste estudo, investiguei as lágrimas de Odisseu no banquete da corte do rei dos Feácios. No percurso teórico-metodológico, optei por delinear uma pesquisa qualitativa, de impostação bibliográfica e documental, que possui como foco e suporte a Historiobiografia: abordagem terapêutico-educativa desenvolvida por Dulce Critelli, que tenciona redescobrir o sentido da vida por meio da compreensão da história pessoal. Na Historiobiografia, as raízes [epistemológicas] se fincam nos estudos clássicos [Homero e Platão] e contemporâneos [Martin Heidegger e Hannah Arendt]. Nesta investigação, elegi um *corpus*: Homero, Odisseia, VIII. No canto VIII, Demódoco — narrando relatos, historietas e histórias — transformou aquilo que para Odisseu não passara de meras ocorrências da vida numa história dentro da História. Na corte do rei dos Feácios, à medida que seus feitos foram ordenados e objetivados, inclusive ouvidos pelos outros, a personagem que Odisseu estava a ser — mas lhe escapava — desvela-se para si mesmo e para os outros. Odisseu ao ouvir sua história narrada pode examinar-se e descobrir o sentido-reconhecimento da vida. No palco do *ex-istir*, as lágrimas de Odisseu indicam reconciliação com a realidade.

1 Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC Minas [e Universidade de Coimbra — UC]. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio [e Universidade de Lisboa — UL]. Professor-pesquisador de Pós-doutorado Estratégico do Programa de Pós-graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia — UFBA. Bolsista CAPES/BRASIL. Currículo Lattes disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/6102492484900096>>. E-mail: mendes.sefaradi@unifap.br.





Palavras-chave: poesia homérica; mundo antigo e contemporaneidade; filosofia, literatura e existência; história pessoal e sentido da vida; compreensão e ação.

ABSTRACT

In the "Odyssey" [Οδύσσεια], Demodocus [divine aoidos] — at the court banquet of the king of the Phaeacians — honors Odysseus. In the pen of Homer, when Odysseus hears his story being narrated, he sheds tears. In this study, I investigated the tears of Odysseus at the court banquet of the king of the Phaeacians. In the theoretical-methodological path, I chose to outline qualitative research, based on bibliographic and documentary sources, which focuses on and supports the Historiobiography: a therapeutic-educational approach developed by Dulce Critelli, which aims to rediscover the meaning of life through the understanding of personal history. In Historiobiography, the [epistemological] roots lie in classical studies [Homer and Plato] and contemporary studies [Martin Heidegger and Hannah Arendt]. In this investigation, I chose a *corpus*: Homer, **Odyssey**, VIII. In Book VIII, Demodocus — narrating reports, anecdotes, and stories — transformed what had been mere life occurrences for Odysseus into a story within History. At the court of the king of the Phaeacians, as his deeds were ordered and objectified, even heard by others, the persona that Odysseus was being — but escaped of himself — becomes revealed to both himself and others. Odysseus listening to his own narrated story, was able to examine himself and discover the meaning-recognition of life. On the stage of existence, the tears of Odysseus indicate reconciliation with reality.

Keywords: Homeric poetry; ancient world and contemporary times; philosophy, literature and existence; personal history and meaning of life; understanding and action.

Para começar, [...]

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão [...] (Rosa, 2015, p. 31).

Na “Odisseia” [Οδύσσεια], Demódoco [divino aedo] — num banquete da corte do rei dos Feácios — homenageou Odisseu. Odisseu ao ouvir sua história narrada verteu lágrimas:

Era esse o canto do ínclito cantor. O herói
se aferra ao manto púrpura com as mãos enérgicas
e o traz à testa, encobre a expressão do rosto:
o pranto defluir dos cílios frente aos faécios
o envergonhava. Quando o aedo para, rosto
enxuto, recolheu o manto da cabeça,
soerguendo a copa de ansas dúplices aos numes.





Assim que o aedo torna ao poema, sob aplausos
de altivos feácios, extasiados com racontos,
o herói volta a chorar e reencobre a testa.
Nenhum dos convidados percebeu seu pranto,
tão só Alcínoo, cujo trono não distava
do herói, copiosamente soluçante. Então
o rei falou aos feácios filorremendadores:
“Ouvi-me, hegêmones feácios, conselheiros!
Cambiemos de ambiente, pois que o coração
da ceia e da cítara que aflora afável
no festim se sacia [...] (Homero, **Odisseia**, VIII, 83-100).

No canto VIII, Demódoco [bardo local, cego] transformou — por meio da palavra — o que para Odisseu não passara de meras ocorrências da vida numa “[...] história no meio da História [...]” (Critelli, 2016, p. 99), o que parece retomar: “Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος” (Jo, 1,1). De tudo isto surge que a existência existe na narrativa e através dela. Nesta narrativa mítica [excerto], observei que à medida que os feitos foram ordenados e objetivados, inclusive ouvidos pelos outros, a personagem que Odisseu estava a ser — mas lhe escapava — desvela-se para si mesmo e para os outros [em inúmeras possibilidades]. Na corte do rei dos Feácios, Odisseu ao ouvir sua história narrada por Demódoco pode examinar-se; *re*-unir os cacos de sua *ex*-istência; *des*-cobrir o sentido-reconhecimento da vida (Arendt, 2005; Critelli, 2016; Mendes, 2025). Por certo, “[...] a vida sem esse exame não é digna de ser vivida [...]” (Platão, **Apologia de Sócrates**, 38a).

No palco do *ex*-istir, as lágrimas de Odisseu “[...] indicam que, desse modo, ele teria se reconciliado com a realidade [...]” (Critelli, 2016, p. 69). Nise da Silveira observa que, durante milênios, os mitos condensam experiências vividas repentinamente por pessoas singulares:

[...] experiências típicas pelas quais passaram [e ainda passam] os humanos. Por isso temas idênticos são encontrados nos lugares mais distantes e mais diversos. A partir desses materiais básicos é que sacerdotes e poetas elaboram os mitos, dando-lhes roupagens diferentes, segundo as épocas e culturas (Silveira, 1975, p. 129).

Neste cenário, uni duas perguntas, que deram fôlego à presente investigação: [i] a mesma levantada pela sensata [ἡ σοφὴ Πηνελόπεια] Penélope: “[...] Primeiro/ apreciaria conhecer, alienígena,/ quem és e de onde vens. Quem são teus pais, tua pólis?” (Homero,





Odisseia, XIX, 103-105); [ii] Qual história conta a história de Odisseu? Para respondê-las, “[...] é longa a estrada a ser percorrida [...]” (Gutiérrez, 2000, p. 19). Não obstante, situo o meu lugar de fala: psicólogo latino-americano-sefaradi de origem portuguesa, indignado com eventos inenarráveis, como a narrativa da dor do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição e de Auschwitz: “Falar-te disso é doloroso para mim, mas calar-me também me causa muitas dores, pois onde estou existe apenas desespero” (Ésquilo, **Prometeu Acorrentado**, p. 269-271). Nos Estudos Clássicos: Mundo Antigo, convém observar que escreveu Márcio Seligmann-Silva: “[...] Da *Ilíada* a *Os sertões*, de *Édipo Rei* a *Guernica* [1937], de *Hamlet* ao teatro pós-*Shoah* de um Beckett, podemos ver que o trabalho de [tentativa] introdução da cena traumática praticamente se confunde com a história da arte e da literatura [...]” (Seligmann-Silva, 2022, p. 145).

Neste estudo, investiguei as lágrimas de Odisseu no banquete da corte do rei dos Feácios. No percurso teórico-metodológico, optei por delinear uma pesquisa qualitativa, de impostação bibliográfica e documental, que possui como foco e suporte a Historiobiografia: uma abordagem terapêutico-educativa desenvolvida por Dulce Critelli, que tenciona redescobrir o sentido da vida por meio da compreensão da história pessoal. Na Historiobiografia, as raízes — epistemológicas — se fincam nos Estudos Clássicos [Homero e Platão] e nos Estudos Contemporâneos [Martin Heidegger e Hannah Arendt]. No que tange à normalização, utilizei as regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas — ABNT: [i] ABNT NBR 6028, 2. ed., de 18 de maio de 2021, para elaboração do resumo; [ii] ABNT NBR 10520, 2. ed., de 19 de julho de 2023, para normatizar as citações. Por este caminho, elegi um *corpus*: Homero, **Odisseia**, VIII. Na estrutura do ensaio, ocorreu-me a ideia de desenvolver dois itens: [i] Que é isto — a Historiobiografia? [ii] As lágrimas de Odisseu.

1 Que é isto — a Historiobiografia?

“Todas as mágoas são suportáveis se as colocamos em uma estória [*story*] ou contamos uma estória sobre elas”.

Isak Dinesen (Arendt, 2010, p. 219).





No século XX, Dulce Mara Critelli cunhou a historiobiografia: “[...] uma abordagem terapêutico-educativa que tem por intenção a redescoberta do sentido da vida através da compreensão da história pessoal [...]” (Critelli, 2016, p. 12), que finca as suas raízes [epistemológicas] na trilogia Literatura, História e Filosofia, delineando-se como teoria e método em: [i] Estudos Clássicos: Platão [Sócrates]; [ii] Estudos Contemporâneos: Martin Heidegger e Hannah Arendt (Critelli, 2016). Por alguns anos, Dulce Critelli designou as suas práticas clínicas e o seu método de “terapia existencial”. Não obstante, algo inquietava Dulce Critelli: “[...] terapia existencial é um termo muito próximo às psicoterapias, e não era a psicologia que orientava minha atuação [...]” (Critelli, 2016, p. 12). Passaram-se os dias. Finalmente, o nome ficou claro: Historiobiografia (Critelli, 2016).

Dulce Critelli situa o começo da Historiobiografia na sua infância, quando ela se entretinha por horas — diariamente — lendo histórias:

[...] Meu pai alimentava esse gosto, sempre me presenteando com mais e mais livros de histórias. Lembro de um que se chamava *Histórias de Alhambra* e de outro em que estavam as principais e mais conhecidas histórias infantis, como “Branca de Neve”, “O Gato de Botas” etc., muito grande e volumoso, que punha no colo para ler e quase cobria minhas pernas. Ainda tenho comigo uma coleção de muitos volumes com mitos de todo mundo (Critelli, 2016, p. 13).

Partindo dessas experiências, Dulce Critelli reflete que a vida humana se tece entre histórias: narrativas de acontecimentos, que guardam sentidos e significações para a vida. No seio da família, experienciou a vida como uma profusão de histórias em andamento — “[...] narrativas de histórias que carregavam um sentido de ser” (Critelli, 2016, p. 14). Formou-se em filosofia, identificando-se com o ramo de filosofia e existência. Na Associação Brasileira de Daseinsanalyse — instituição fundada pelo psiquiatra Dr. Solon Spanoudis —, dedicou-se ao estudo de “Ser e Tempo” [*Sein und Zeit*, 1927], de Martin Heidegger. Na daseinsanalyse, fez terapia e atuou como terapeuta, sob supervisão de Dr. Solon Spanoudis [até 1981].

Nos círculos de daseinsanalyse,

[...] a existência humana era o assunto central, mas o foco era a leitura de Heidegger sobre a existência humana. As intenções dos estudos que na Associação se empreendiam eram todas voltadas para o emprego da fenomenologia heideggeriana no atendimento psicoterápico. Mas Heidegger era um filósofo e não psicólogo, e foi





então que comecei a perceber que a filosofia exercia um papel fundamental nos processos terapêuticos. Ela poderia se converter num meio, numa ferramenta para a compreensão e os cuidados para com a existência (Critelli, 2016, p. 15).

No ano de 1981, com a morte de Dr. Solon Spanoudis, Dulce Critelli interrompeu a atividade terapêutica. Dedicou-se — exclusivamente — à docência (Critelli, 2016).

Dulce Critelli leu “A Condição Humana”, de Hannah Arendt, em 1984 — o que causou uma revolução copernicana no seu pensamento: “[...] a leitura de Arendt mudou minha compreensão da própria filosofia e da possibilidade de utilizá-la no processo terapêutico. Especialmente pela preferência pela ação, enquanto a de Heidegger é pelo pensamento mesmo” (Critelli, 2016, p. 16). No ano de 1995, retomou a atividade terapêutica, exercendo-a embasada na Filosofia — e não na Psicologia (Critelli, 2016). Nas reflexões de Dulce Critelli, a filosofia não é clínica. Não obstante, possui uma importante força terapêutica. O que ela chama de “terapêutico” pode ter outra tradução: “educação existencial”. Dulce Critelli revela: “[...] daí o caráter terapêutico-educativo do que veio a ser a Historiobiografia” (Critelli, 2016, p. 17-18).

No ano de 2002, Dulce Critelli fundou o Existencia — Centro de Orientação e Estudos da Condição Humana, com a intenção de abrir um espaço para o desenvolvimento da filosofia como ferramenta terapêutico-educativa. Partindo da historiobiografia como foco e suporte teórico-metodológico, o Existencia desenvolve e oferece diferentes ações:

[...] atendimentos individuais de orientação existencial; cursos livres sobre Hannah Arendt, Heidegger e fenomenologia; palestras; assessoria e consultoria. Mais recentemente, foi criado um Curso de Especialização em Historiobiografia, destinado a profissionais graduados em Filosofia, Psicologia, Psiquiatria, educadores, enfim, profissionais das áreas de humanas, educação e saúde (Critelli, 2016, p. 17-18).

Nas reflexões de Hannah Arendt, o ato de pensar pode desenrolar-se como: [i] conhecimento, quando busca esclarecer verdades sobre a realidade que durem e sejam úteis [ciência]; [ii] pensamento propriamente dito, quando tem como fim o desencobrimento das verdades primeiras [essências] e últimas de todas as coisas; [iii] compreensão, quando busca entender o sentido de algo ou de uma situação para lidar com eles (Critelli, 2016).





[...] Distinguindo-se da informação correta e do conhecimento científico, a compreensão é um processo complexo, que jamais produz resultados inequívocos. Trata-se de uma atividade interminável por meio da qual, em constante mudança e variação, aprendemos a lidar com nossa realidade, reconciliando-nos com ela, isto é, tentamos nos sentir em casa no mundo.

O fato de que a reconciliação é inerente à compreensão deu origem à ideia distorcida e popular de que *tout comprendre c'est tout pardonner*. Perdoar, no entanto, tem tão pouco a ver com compreender, que não é sua condição nem sua consequência. Perdoar [sem dúvida uma das grandes capacidades humanas e, talvez, a mais ousada das ações do homem [ser humano], já que tenta alcançar o aparentemente impossível — desfazer o que foi feito — e tem êxito em instaurar um novo começo onde tudo pareci ter chegado ao fim] é uma ação única que culmina em um ato único. A compreensão é interminável e, portanto, não pode produzir resultados finais; é a maneira especificamente humana de estar vivo, porque toda pessoa necessita reconciliar-se com um mundo em que nasceu como um estranho e no qual permanecerá sempre como um estranho, em sua inconfundível singularidade. A compreensão começa com o nascimento e termina com a morte [...] (Arendt, 1993, p. 39).

Na compreensão, enraíza-se a Historiobiografia. Dulce Critelli diz que para a Historiobiografia, a filosofia — com sua estrutura reflexiva e seu repertório — é um recurso essencial, mas recurso e não fim. Trata-se de um pano de fundo principal, o primeiro entre todos os saberes [e fazeres] disponíveis, como os que vêm da Psicologia, da Educação, da Literatura, da História, da Política *etc.* Para Dulce Critelli, a prioridade da Filosofia para a Historiobiografia justifica-se na proximidade mesma que há entre o ato de filosofar e a compreensão, porque o ponto de partida é a necessidade do ser humano de esclarecimento do sentido do ser e daquilo com que se defronta no cotidiano para dar conta da *ex-istência*. Por fim, a condição humana fundamental da vida pessoal é a pluralidade (Critelli, 2016).

2 As lágrimas de Odisseu

É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano, e esta inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato simples do nosso aparecimento físico original. Não nos é imposta pela necessidade, como o trabalho, nem desencadeada pela utilidade, como a obra. Ela pode ser estimulada pela presença de outros a cuja companhia possamos desejar nos juntar, mas nunca é condicionada por eles; seu impulso surge do começo que veio ao mundo quando nascemos e ao qual respondemos quando começamos algo novo por nossa própria iniciativa. Agir, em seu sentido mais geral, significa tomar iniciativa, iniciar [como indica a palavra grega *archein*, “começar”, “conduzir” e, finalmente, “governar”], imprimir movimento a alguma coisa [...] (Arendt, 2010, p. 221).





Na “Odisseia”, Homero narra o retorno do sofredor Odisseu [Ὀδυσσεύς] a Ítaca, ilha natal do herói, onde lhe espera sua esposa prudente: Penélope, tecendo e destecendo uma colcha para que o tempo não passe. De certo modo, o tempo não passa. Penélope está pressionada por pretendentes à sua mão — e, conseqüentemente, ao poder na ilha —, que insistem para que reconheça a morte do esposo, chefe local, desaparecido há 10 anos, desde o término da Guerra de Tróia. Na pena de Homero, a equação é clara: a colcha *versus* a atestação do óbito. Penélope tece e destece a colcha, para negar que Odisseu se foi, assim como todo canto do bardo é esforço para não deixar que o tempo — que tudo corrói — apague da memória dos homens os grandes feitos dos heróis. Destarte, o tempo mítico resiste ao anúncio do tempo histórico, que é cúmplice da morte. Poeticamente, Homero diz que

Tão logo chegam, forma-se um só bloco e Alcínoo
toma a palavra na ágora: Escutai-me, hegemones
feácios, aconselhadores, pois direi
o que me dita o coração no peito. Ignoro
quem seja o forasteiro, se erramundo egresso
do país dos homens do sol-pôr, do sol nascente.
Roga uma escolta que lhe propicie a volta.
Como outrora, ultimemos uma esquadra. Nunca
alguém que tenha procurado o meu palácio
lamentou não obter a pronta ajuda. Vamos!
Lancemos no oceano cintilante a nave
escura, protossingradora, moços ótimos,
cinquenta e dois ao todo, a bordo. Após os remos
estarem ajustados nas cavilhas, ide
ao meu solar e preparai logo o repasto,
que a todos oferecerei. Disso encarrego
os jovens. Já os cetrados basileus, convido-os
a entrarem no palácio, para a recepção
fraterna ao hóspede recinto a dentro. Não
aceitarei recusa. Alguém busque Demódoco,
divino aedo. Para o júbilo feácio,
um deus lhe deu o canto e o coração o instiga” (Homero, *Odisseia*, VIII, 25-45).

Neste excerto, Homero desenreda Odisseu na posição de falecido. Não obstante, encontra-se na corte dos Feácios, última parada antes voltar a Ítaca e poder rever Penélope. Demódoco, sem saber que Odisseu está na audiência, narra o episódio do Cavalo de Tróia.





Para ser objeto do canto épico, o herói deve estar morto — não deve ser mais agente no presente, mas personagem no passado. Homero relata que Odisseu pranteou:

Canta o cantor ilustre, e o herói se desfazia
em pranto, o rio de lágrimas rolando à face.
Mulher que chora sobre o corpo do marido
amado, morto diante da cidade, quando
a tétrica jornada o retirava da urbe,
dos seus, a ela que em luta o viu morrer, caindo
sobre seu corpo, estridulando em pranto, e adversos
remetem lança na omoplata, bem na nuca,
e escravas a removem, só fadiga e dor,
e o indizível sofrimento fana a face,
tal qual o herói, indescritível, pranteava.
Nenhum conviva ali presente, salvo o rei,
se apercebeu do fato; ao lado de seu trono
estava, de onde o pode ouvir carpir sua mágoa.
Assim falou o rei dos filorremadores:
“Ouvi-me, hegêmones e conselheiros feácios,
no mais ressoe a cítara o cantor Demódoco,
pois sua poesia não agrada a todo ouvinte [...]” (Homero, **Odisseia**, VIII, 521-538).

No canto VIII, Odisseu — indescritível — derrama lágrimas de historicidade. Todavia, o ouvinte sem nome apresenta-se logo em seguida como um bem vivo Odisseu. De personagem, o herói passa novamente a agente, para validar a narrativa de Demódoco, que nada vira em Tróia, mas cantava por inspiração divina. Nas reflexões de Hannah Arendt:

De qualquer modo, desacompanhada do discurso, a ação perderia não só o seu caráter revelador como, e pelo mesmo motivo, o seu sujeito, por assim dizer: em lugar de homens que agem teríamos robôs mecânicos a realizar coisas que permaneceriam humanamente incompreensíveis. A ação muda deixaria de ser ação, pois não haveria ator; e o ator, realizador de feitos, só é possível se for, ao mesmo tempo, o pronunciador de palavras. A ação que ele inicia é humanamente revelada pela palavra, e embora o ato possa ser percebido em seu aparecimento físico bruto, sem acompanhamento verbal, só se torna relevante por meio da palavra falada na qual ele se identifica como o ator, anuncia o que fez, faz e pretende fazer (Arendt, 2010, p. 223).

Demódoco — narrando relatos, historietas e histórias — transformou aquilo que para Odisseu não passara de meras ocorrências da vida numa história. Por sermos contadores de história — mesmo sem consciência ou intenção — elaboramos inúmeros contos sobre nós e nossas andanças pelo mundo, que “[...] não são propriamente narrativas, mas relatos corriqueiros e cotidianos que nos servem como guias de viver [...]” (Critelli, 2016, p. 41). Por





meio de palavras, embrulhamos todas as nossas vivências nesses pequenos relatos, que tecem e sustentam as nossas relações com os outros (Critelli, 2016).

Os outros nos dão notícias de nós mesmos. Como nos olham, o que dizem a nosso respeito, o que esperam positiva ou negativamente de nós, como se comportam conosco são os primeiros e principais fios com os quais tecemos nosso próprio olhar e talhamos a nossa identidade [...] (Critelli, 2016, p. 46).

Historietas são de episódios vividos que constituem histórias maiores, com uma elaboração mais requintada, carregadas de sentido. Dulce Critelli relata que todas as pessoas têm historietas para contar, que revelam “[...] como somos, como sentimos, o que e como pensamos, como agimos e o alcance de nossos gestos e palavras [...]” (Critelli, 2016, p. 49). Por último, restam as histórias, que — distinguindo-se dos relatos e das historietas — são autointerpretações abrangentes no tempo, começando com o nascimento e alcançando o tempo presente e futuro: as histórias nos apanham como um todo, resumindo a nossa história de vida. Na investigação científica, “[...] quando identificamos a história que um ‘eu’ realizou na sua *ex-istência* e então podemos narrá-la, chegamos a uma biografia” (Critelli, 2016, p. 100).

No ano de 2022, Dulce Critelli, numa entrevista concedida ao grupo de pesquisa Narrativas, Gênero e Saúde — NaGeS, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia — PPGPsi da Pontifícia Universidade Católica de Minas Geras — PUC Minas, contou que

[...] Odisseu — um grande rei grego — estava, dentro das suas aventuras, tentando voltar para Ítaca e passa pela Fiaça. Só que o rei da Fiaça era assim um... Hoje, a palavra seria um “grande fã”, admirador de Odisseu. E ele fica tão feliz por Odisseu estar lá naquela região, que ele o convida para um banquete. Odisseu aceita o convite. Durante o banquete, o rei pede para um bardo cantar a história de Odisseu. No meio do jantar, o bardo começa a cantar, interligando os eventos da existência de Odisseu. Ele vai chamando à atenção para os feitos de Odisseu. E, ao cantar, ele junta esses fatos, trazendo à tona o sentido dos atos de Odisseu. Arendt conta que Odisseu começa a chorar copiosamente e ter uma catarse, porque tudo aquilo que ele próprio teria feito, para ele não passava de uma mera ocorrência. Mas cantado assim na boca do bardo, com um sentido, dando uma finalidade e uma fisionomia para os atos de Odisseu. Odisseu pela primeira vez entendeu quem ele tinha sido [...] (Critelli, 2022, s/p.).





No canto VIII, Dulce Critelli observa uma narrativa de um “eu” — uma narrativa que não é unilateral, porque depende da percepção de um “outro”. Partindo do método historiobiográfico, Dulce Critelli reflete que quando uma pessoa consegue compreender a sua história — e como ela a realizou — consegue mudar a sua vida:

[...] É aí que eu percebo que entra a questão da ação. Ela muda a vida da pessoa. Esse que é o agir! Não é um compreender que fica comigo como uma interpretação teórica da minha vida. Vocês já viram quanta gente que faz um monte de terapias, que sabe explicar tudo, mas, existencialmente, não muda nada! [...] (Critelli, 2022, s/p.).

De acordo com (Critelli, 2022), quando uma pessoa compreende a sua *ex-istência* — o sentido do ser — destrincha uma história pessoal. Destarte, a pessoa não precisa nem de se planejar; começa a alterar-se, que é isso que importa: que a compreensão sirva à ação.

Por fim, [...]

O herói plurissolerte disse-lhe em resposta:
“Alcínoo insigne, magno soberano, é belo
ouvir cantor da magnitude do aqui
presente, ícone de um deus no tom de voz.
Permito-me dizer não existir prazer
maior que ver o júbilo tomando conta
das gentes, os convivas escutando o bardo
na sala, cada qual na própria sédia, a mesa
plena de pães e viandas, o escanção vertendo
o vinho da cratera sobre a taça: nada
se me afigura à ânsima tão deiletável!
Teu coração, voltado para mim, demanda-me
a agrura que sofri para agravar-me o pranto?
Começo pelo início ou pelo fim? [...]” (Homero, *Odisseia*, IX, 1-14).

Na “Odisseia”, VIII, conscientizei-me de que *ex-istir* — enquanto não pudermos compreender o sentido da vida — é um embate com a realidade, incessante e obscuro. No palco do mundo, no dia que nossa *ex-istência* puder ser articulada numa história e tivermos testemunhas para ela, o sentido que fazemos na vida se desencobrirá. Nesta ideia, o testemunho e a memória dos outros é que nos protegem de vagar pelo mundo como seres espectros:





[...] Não é à toa que os idosos precisam contar aos outros a sua vida: quem eles mesmos foram, o que fizeram, o que sofreram, do que se arrependem etc. Encontrando depositários para sua história e para sua existência, preservam sua existência da morte. Eles se salvam para os seus ouvintes, tanto quanto se salvam para si mesmos (Critelli, 2016, p. 70).

No seio do mundo, “a vida é acompanhada [...]” — “[...] um acontecimento compartilhado [...]” (Critelli, 2016, p. 98). Escute-se: a *ex-istência* é antes humana do que pessoal; é antes plural do que singular. Nós nascemos “lançados” em meio a uma trama de relações já instituída, mas da qual começamos a participar como seus tecelões. Nós vivemos uma história no meio da História, entrelaçadas. Esta História — na sua essência — é o que é em razão das histórias particulares. No tear da vida, entender uma pessoa humana reclama para si abrir a teia de relações da qual ela vem participando desde a sua concepção — desabrochada no nascimento — e entender os fios, os pontos e os nós com que colaborou para a continuidade dessa trama fenomenológico-existencial (Critelli, 2016).

Dulce Critelli reflete que a biografia de uma pessoa só pode ser identificada no ato de descoberta da história que essa história conta. Pensando deste modo,

a história de uma história se revela através da identificação e compreensão de algumas situações, circunstâncias e aspectos paradigmáticos que compõem a trama da vida dos indivíduos e que, portanto, são parâmetros obrigatórios para a elaboração de uma Historiobiografia [...] (Critelli, 2016, p. 99-100).

Neste excerto, explicita-se: as histórias que cada pessoa forma e engendra são exclusivas, porque os indivíduos que fazem parte dela são — inexoravelmente — criaturas únicas. Hannah Arendt diz que “[...] a pluralidade é a condição da ação humana porque somos todos iguais, isto é, humanos, de modo que ninguém jamais é igual a qualquer outro que viveu, vive ou viverá” (Arendt, 2010, p. 9-10). Em epítome, todo *ex-istir* realiza uma história pessoal, da qual um “eu” — consciente e livre — é personagem principal (Critelli, 2016).

Para a Historiobiografia, a questão fundamental é: qual história uma história conta?

[...] Seu intuito é compreender para onde e como alguém se dirige em sua vida, em nome de quê, na companhia de quem. É identificar as convocações, as problemáticas e os desafios que um indivíduo identifica para si — os fins de sua existência. É aprender como esses fins se formaram, como o indivíduo foi afetado por eles, como





correspondeu a eles, se ele se sente ou não em dívida para com esses fins (Critelli, 2016, p. 99-100).

Nas reflexões de Dulce Critelli, a intenção da Historiobiografia é *des*-cobrir a personagem que um indivíduo realiza, *des*-dobrada no tempo e nas circunstâncias de sua existência — “[...] um desvendamento de um destino em realização [...]” (Critelli, 2016, p. 101). Trata-se de um processo que favorece aos indivíduos aquisição e lucidez, preparando-os para a atoria consciente e responsável da *ex*-istência. Nas práticas reflexivas, a Historiobiografia recupera a história da história pessoal por meio das narrativas nas quais os indivíduos — plurais e singulares — acondicionaram, preservaram, salvaram e projetaram sua *ex*-istência pessoal e seu destino e na qual escreveram o sentido da vida. Dulce Critelli revela, em epítome, que “[...] a vida humana é embrulhada de linguagem — é um fenômeno de linguagem [...]” (Critelli, 2016, p. 101). Tudo começa na palavra, desde o princípio. *Ex*-istimos discursivamente, sob o manto da linguagem: “[...] o pensamento é a palavra escondida [...]” (Rosa, 1999, p. 85). No “Grande sertão: veredas”, João Guimarães Rosa expressa o que é para ser: as palavras. Poeticamente: “[...] Existe é o homem humano. Travessia” (Rosa, 2015, p. 492).

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Trad. Ítalo Eugenio Mauro. 4. ed. São Paulo: 34, 2017.

ARENDT, Hannah. O Conceito de História — Antigo e Moderno. In: ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Testemunho: mística com olhos abertos. In: BINGEMER, Maria Clara Lucchetti; CASARELLA, Peter. [Org.]. **Testemunho: profecia, política e sabedoria**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2017.





BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

CRITELLI, Dulce Mara. **História pessoal e sentido da vida**: historiobiografia. São Paulo: Educ; Fapesp, 2016.

ÉSQUILO. **Tragédias completas**. Trad. José Alsina Clota. Madrid: Cátedra S. A., 2002.

ÉSQUILO. **Prometeu acorrentado**. Trad. Mário da Gama Kury. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://ia903401.us.archive.org/7/items/livrainosdomal2020/%20%C3%89squilo%20-%20Prometeu%20Acorrentado.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2025.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da libertação**: perspectivas. Trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva e Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2000.

HOMERO. **Odisseia**. Trad. Jaime Bruna. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

HOMERO. **Odisseia**. Trad. Trajano Vieira. 3. ed. São Paulo: 34, 2014.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: USF, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Fausto Castilho. Campinas, SP: Unicamp; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MENDES, Everaldo dos Santos; NASCIMENTO, Luciana Kind do Nascimento; CRITELLI, Dulce Mara. Que é isto — a historiobiografia? História pessoal e sentido da vida — entrevista com Dulce Critelli. **Narrativas, Gênero e Saúde — NaGeS, grupo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Psicologia — PPGPsi da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC Minas**, Belo Horizonte, Brasil, 20 ago. 2022.

MENDES, Everaldo dos Santos. Estado, Igreja e Inquisição: Incomunicabilidade: “O Pagador de Promessas” e “O Santo Inquerito”, de Dias Gomes. **Estudos Teológicos**, [S. l.], v. 64, n. 2, 2025. DOI: 10.22351/et.v64i2.2988. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/ET/article/view/2988>. Acesso em: 2 fev. 2025.

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1975.





PLATÃO. Apologia de Sócrates. In: PLATÃO. **Diálogos III**: Sócráticos — Fedro [ou o belo]; Eutífron [ou da religiosidade]; Apologia de Sócrates; Críton [ou do dever]; Fédon [ou da alma]. Trad. Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 2008.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

ROSA, Vilma Guimarães. **Relembramentos**: João Guimarães Rosa, meu pai. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. Campinas, SP: Unicamp, 2022.

SILVEIRA, Nise da. **Terapêutica ocupacional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Casa das Palmeiras, s/d.

STEIN, Edith. **Ser finito e ser eterno**. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

Recebido em: 20/01/2026

Aprovado em: 05/02/2026

Publicado em: 19/02/2026

